



RACISMO ESTRUTURAL NO CONTO “MARIA”, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Querla Mota dos Santos

Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

E-mail: querla@unir.br

Cláudia Regina Mota dos Santos

Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

E-mail: profclaudia33@gmail.com

Alex Santana Costa

Universidade Federal do Pará (UFPA)

E-mail: alexsantana@unir.br

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo analisar o conto “Maria”, presente no livro *Olhos d’Água*, da escritora Conceição Evaristo. A pesquisa, construída consoante método bibliográfico e analisada pelo viés da teoria pós-colonial, buscou compreender como o racismo, estruturado socialmente desde a colonização do Brasil, está presente no texto. A autora escreve de um lugar cujo espaço é majoritariamente masculino e maculado de preconceito racial, que emerge no conto e conduz a personagem Maria, mulher, negra, pobre e mãe solo, a não ter chance de defesa, pagando com a própria vida pelo fato de ter nascido negra, de ter nascido mulher também. Qualquer mulher negra e pobre poderia ser Maria. Por isso, levar sua voz adiante tem o objetivo de expor o que Maria não pode dizer nem explicar: que o racismo, o machismo, a exclusão social matam. No conto, a angústia dos que vivem à margem da sociedade está por toda parte, no entanto, em “Maria”, o grito não é o dela, alguém sequer grita por ela, gritam contra ela e contra a verdade que ela clama.

Palavras-chave: Maria. Conceição Evaristo. Racismo. Mulher. Violência.

STRUCTURAL RACISM IN THE TALE MARIA, BY CONCEIÇÃO EVARISTO

ABSTRACT: This work aims to analyze the tale “Maria”, which is part of the book *Olhos d’Água*, by the writer Conceição Evaristo. The research, built according to the bibliographic method and analyzed from the perspective of post-colonial theory, sought to understand how racism, socially structured since the colonization of Brazil, is present in the text. The author writes from a place whose space is mostly male and tainted by racial prejudice, which emerges in the story and leads the character Maria, woman, black, poor and single mother, to have no chance of defense, paying with her own life for the fact of being born black, of being born a woman too. Any black and poor woman could be Maria. For this reason, taking her voice forward has the objective of exposing what Maria cannot say or explain: racism, machismo, social exclusion kill. In the tale, the anguish of those who live on the margins of society is everywhere, however, in “Maria”, the scream is not hers, someone does not even screams for her, they scream against her and against the truth she cries out.

Keywords: Maria. Conceição Evaristo. Racism. Woman. Violence.

INTRODUÇÃO

A antologia de contos de *Olhos d'Água*, de Conceição Evaristo, escritora afro-brasileira tem vários temas recorrentes, dentre eles a violência contra a mulher, o racismo, a perda da infância nas favelas, o contraste da vida de quem desce os tantos andares de um prédio para ir trabalhar e decide não fazê-lo, para “tirar um tempo” para cuidar de si, maternidade, sexualidade, dentre outros.

O que não falta nessa antologia é a escrevivência¹, uma vez que Conceição Evaristo fala de um lugar sobre o qual há tantas forças sociais tentando mantê-lo em silêncio, como se fosse possível negar a existência desse espaço. Maria da Conceição Evaristo de Brito é brasileira, negra e de família de baixa renda; começou a publicar seus textos aos 44 anos. A sua escrita é um contradiscurso e não tem mesmo o menor objetivo de ser escrita de lazer, pois, como ela mesma disse, “A nossa escrevivência não pode ser lida como história de ninar os da casa-grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos.” (CONCEIÇÃO EVARISTO in OCUPAÇÃO/ITAÚ CULTURAL, 2017).

Antes de apresentar detalhes sobre o conto em epígrafe, é interessante contextualizar brevemente o tema racismo no Brasil, que, de forma intrigante, vem sendo suavizado e cada vez mais naturalizadas as situações que promovem a discriminação racial, criando território fértil para a prática do racismo estrutural.

Para Silvio Luiz de Almeida (2018, p.25), racismo “é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios, a depender ao grupo racial ao qual pertençam.”. Sob a perspectiva do referido autor, o racismo decorre da estrutura da sociedade, que é capaz de enxergar como "verdade" regras e padrões baseados em princípios discriminatórios de raça.

Na sociedade brasileira, o discurso de que não há ou houve racismo no Brasil tem se firmado e reafirmado por pessoas que ocupam espaço de extremo poder, logo, os seus dizeres

¹ *Escrevivência* é um dos textos que sobre Conceição Evaristo presente em *Ocupação*, projeto criado em 2009 pelo Itaú Cultural. Tal projeto busca fomentar o diálogo da nova geração de artistas com os criadores que a influenciaram, no qual há toda a trajetória da escritora. Embora não seja o objetivo deste estudo o de realizar uma análise autobiográfica, em *Ocupação - Conceição Evaristo (2017)* encontra-se a vida e a obra da escritora. Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/conceicao-evaristo/escrevivencia/#:~:text=Com%20base%20no%20que%20chama,condi%C3%A7%C3%A3o%20do%20afrodescendente%20no%20Brasil>. Acesso em: 20 dez. 2020.

são argumentos de autoridade que podem levar adiante o desejo do colonizador: o de que o colonizado não seja reconhecido em sua subjetividade.

Para compreensão das facetas do processo de colonização, é importante atentar-se àquela que não ocorre pela força: a psicológica, que é exercida sutilmente com todo o amor e devoção pelos “doutores, missionários e outros”, que “difícilmente podem ser considerados observadores desinteressados, devido ao fato de eles virem com a ideia de mudar, converter, civilizar²” (MANNONI, 1964, p.31, tradução nossa).

No entanto, o exemplo de colonização que apresentaremos ocorreu pela força, pela brutalidade, mas também foi sutil o elemento motivador, ao menos aos olhos de quem pretende suavizar o racismo, que, recentemente, ceifou a vida de João Alberto Freitas, 40 anos, cidadão brasileiro e negro, espancado e morto por seguranças brancos, em uma das unidades do Carrefour, em Porto Alegre-RS.

Acerca deste fatídico acontecimento, o vice-presidente do Brasil, questionado por jornalistas sobre o caso, afirmou:

Lamentável, né? Lamentável isso aí. Isso é lamentável. Em princípio, é segurança totalmente despreparada para a atividade que ele tem que fazer [...] **Para mim, no Brasil não existe racismo. Isso é uma coisa que querem importar aqui para o Brasil. Isso não existe aqui.** (MAZUI, 2020, grifo nosso)

Chamar de triste a morte de um ser humano negro, no contexto mencionado, já é, por demais, deslegitimizador da história escravocrata e racista brasileira. Não o bastasse, como exposto, o vice-presidente assevera não haver racismo no Brasil.

Se a situação para o homem negro é do nível dos castigos dados aos negros durante a escravidão, a situação da mulher negra encontra-se em outro nível, porém pior. A versão de 2020 do Atlas da Violência³, quanto aos marcadores de gênero e raça na violência, explicita que mulheres não negras foram menos mortas que as mulheres negras, no período de 2008 a 2018. Tal Atlas também informa que a taxa de morte de mulheres negras em relação a mulheres brancas aumentou significativamente.

² Cf. “[...] in spite of all their love and devotion the doctors, missionaries, and so on can hardly be called disinterested observers, if only because they came with the idea of changing, converting, civilizing.”

³ Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=36488&Itemid=432. Acesso em: 20 dez. 2020.

Dito isso, tradicionalmente, olhando para a trajetória da escrita feita por mulheres, se para uma mulher branca e em condições sociais favoráveis, escrever literatura é, historicamente, um espaço muito difícil de ocupar, o de Conceição Evaristo o é muito mais, pelo exemplo acima exposto. Por isso, analisar a sua escrita é poder ir contra um discurso muito recorrente e estimulado a se atualizar absurdamente de que há um excesso de cuidados nas relações humanas no Brasil, porque agora “tudo é racismo”. Então, uma escrita que fala das marginalidades, das dores que não são validadas socialmente, vai ao encontro do que afirma a filósofa e escritora Djamila Ribeiro (2017), quando ela diz que “falar de racismo, opressão de gênero, é visto geralmente como algo chato, “mimimi” ou outras formas de deslegitimação. [...]” (p.79). E a deslegitimação do problema precisa ser debatida, combatida, exposta, afinal, como já dito, as mulheres negras brasileiras não só morrem mais que mulheres brancas como a taxa de mortalidade das negras teve severo aumento.

Juntamente com Djamila Ribeiro (2017), outras vozes se farão presentes na análise que buscará expor o racismo estrutural como um espelho segurado com força na frente dos que negam que as mazelas da população negra são resultantes de todo um processo histórico de violência e, dentro desse processo, a mulher negra encontra-se em um espaço muito maior de vulnerabilidade e, por isso, de violência.

Assim, como referencial teórico, além de Djamila Ribeiro, utilizaram-se os pressupostos teóricos de escritores pós-colonialistas, como Aimé Césaire, Franz Fanon, Gayatri Spivak, Hommi Bhabha, Octave Manonni, dentre outros, para tratar principalmente de aspectos de releitura e reflexão sobre o conto, estratégias de descolonização, subalternidade feminina e racismo. Assim, a metodologia de análise dar-se-á pelo viés do pós-colonialismo, principalmente.

1 OLHOS D'ÁGUA: DE ONDE BROTAM AS LÁGRIMAS DE MARIA(S)

A publicação do livro de Conceição Evaristo é resultante dos recursos oriundos do Edital de Apoio à Coedição de Livros de Autores Negros, da Fundação Biblioteca Nacional, do Ministério da Cultura, em parceria com a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República (SEPP/PR). Composto por quinze contos, a obra chama a atenção do leitor já pelo trabalho gráfico. O exemplar, ironicamente, tem a capa branca e, abaixo do nome, há um olho grande e marrom, do qual escorrem lágrimas azuis.

O tom azul das lágrimas compõe toda a obra, sugerindo que sua escrita se dera sob forte emoção e choro. Se o leitor passar lentamente a mão sobre a capa, sentirá os relevos dos olhos, das lágrimas, um trabalho que o convida a realmente sentir o que está por ler. Vejamos, a seguir, a capa da edição de 2016:

Figura 1: Capa do livro *Olhos d'Água*, da escritora Conceição Evaristo



Fonte: EVARISTO (2017)

Marlei Castro Tondo (2018, p.50) assevera, em sua dissertação de mestrado, que a violência contra a mulher narrada em *Olhos d'Água* é um mecanismo de dominação e, às vezes, de sobrevivência. No entanto, no conto eleito para análise, a violência não tem este segundo aspecto. Interessante destacar que ao final de cada conto, antes do início do próximo, há sempre uma lauda toda na cor azul, como um rio que segue seu curso pelo qual navega o leitor, cuja compreensão poderá ou não transpor a concepção de que não se trata apenas de um rio, podendo ser também um mar de águas salgadas oriundo da escravidão e do racismo.

2 MARIA, POR QUE MORRESTES, MARIA?

O conto “Maria” é escrito em menos de quatro laudas. Narrado em terceira pessoa, o conto se inicia com a descrição de uma mulher, já nomeada (Maria), parada há mais de trinta minutos em um ponto de ônibus. A presença do discurso indireto livre, utilizado pelo narrador, permite que o leitor consiga “ver” o que Maria pensa a respeito da decisão tomada de esperar o ônibus ou de seguir o percurso a pé: “Se a distância fosse menor, teria ido a pé. Era preciso mesmo ir se acostumando com a caminhada. O preço da passagem estava aumentando tanto”[...] (EVARISTO, 2017, p.39).

Dessa forma, a personagem é mostrada ao leitor com informalidade, em uma situação cotidiana, afinal, o que há de especial em um cenário composto por uma pessoa esperando um ônibus? Ainda mais uma pessoa que se chama somente “Maria”. O que fica visível é que Maria utilizava costumeiramente o transporte público, mas, apesar da distância, teria que passar a fazer o trajeto caminhando, já que o valor da passagem não cabia em suas condições financeiras. Então, assim, sabe-se que Maria é pobre.

O narrador deixa Maria de lado e passa a descrever que, no dia anterior, em um domingo, havia tido uma festa na casa onde ela trabalhava e que recebera “da patroa” os restos da comida da festa: o osso do pernil que a patroa iria jogar no lixo, as frutas que foram enfeites da mesa e uma gorjeta. Por meio do discurso indireto livre, o narrador alterna a narração sobre a história de Maria e sobre o que pensa a mulher. Do que se pode depreender é que a personagem, apesar do pouco descrita, estava feliz pelo recebido e fazendo planos com o pouco dinheiro recebido. Maria também se pergunta se, dentre as frutas que levava na sacola, os filhos gostariam de melão, uma vez que nunca haviam comido melão (EVARISTO, 2017, p.39-40).

O que se pode ver até aqui, em questões sociais, é o microcosmo da *Casa Grande e Senzala*, escrito por Gilberto Freyre (2006), como bem lembra Tondo (2018, p.90):

Fica patente que o procedimento da patroa de oferecer restos de alimentos e uma pequena gratificação à Maria assemelha-se muito à cultura senhor-escravo, casa-grande e senzala que marca a sociedade brasileira. A patroa – nova representação da senhora dos séculos passados – animaliza a empregada ao lhe oferecer os sobejos de uma festa, pois são considerados “restos de comida”, quer dizer, perderam a consideração de alimentação apresentável, conseqüentemente pode ser oferecido como uma espécie de esmola aos que mal ganham para nutrir-se adequadamente. (FREYRE, 2006 *apud* TONDO, 2018, p.90).

Maria ainda está na senzala, num outro formato (Tondo, 2018). Para Aimé Césaire (2010, p.31), entre colonizador (a patroa, provavelmente branca) e colonizado (Maria: a empregada negra),

só há lugar para o trabalho forçado, para a intimidação, para a pressão, para a polícia, para o tributo, para o roubo, para a violação, para a cultura imposta, para o desprezo, para a desconfiança, [...] para a presunção, para a grosseria, para as elites descerebradas, para as massas envilecidas.

Acerca dessa desigualdade de direitos entre diferentes raças, Césaire acrescenta que:

a questão da igualdade das raças, dos povos ou das culturas, têm unicamente sentido se trata de uma igualdade de direito, não de uma igualdade de fato. [...] existem diferenças de nível, de potência e de valor entre diversas culturas, sejam as suas causas biológicas ou históricas. Estas acarretam uma desigualdade de fato (CÉSAIRE, 2010, p. 77).

Por causas históricas (escravidão, racismo estrutural etc), como se pode inferir dessa citação de Césaire, Maria era, portanto, uma diarista ou empregada doméstica, uma subalterna, a partir das descrições do narrador.

O ônibus, que não estava cheio, chega e Maria adentra com a sacola e pensa que por haver espaços vazios, poderia descansar até chegar ao ponto em que tivesse que descer. No entanto, ao passar pela catraca, atrás de Maria havia um homem que pagou a passagem dele e a dela. A mulher senta-se na frente e o homem, ao seu lado. Então, Maria reconhece o homem e o leitor é posto diante de todos os sentimentos de saudade, de uma vida partilhada em um barraco e de que dessa relação entre eles havia nascido um menino que, juntamente com ela, foram deixados para trás por esse homem. Os dois acabam por falar sobre a relação. O homem quer saber dos filhos e fala da saudade que tem dela e do menino, sobre o qual pergunta: “Maria? Como vai o menino? [...]” (EVARISTO, 2017, p.40).

O diálogo de Maria com esse homem, de quem não se sabe o nome, deixa claro um comportamento muito comum no Brasil que é o abandono paterno e de que a maioria dos lares brasileiros é chefiado por mulheres. Tanto que a mágoa de Maria é grande: “Sentiu uma mágoa imensa. Por que não podia ser de uma outra forma? Por que não podiam ser felizes? [...]” (EVARISTO, 2017, p.40). Mas todo o diálogo se deu com o homem sem olhar para Maria e a última coisa que ela ouviu dele foi uma coincidência entre o que ela entendeu e

o que ele sussurrou: “[...]um abraço, um beijo, um carinho no filho. [...]” (EVARISTO, 2017, p.41).

Em seguida, o homem levanta-se rapidamente, armado para apoiar o comparsa que, do fundo do ônibus anunciou um assalto e passou a recolher as coisas dos passageiros que estavam ali e adiante, mas não pede nada de Maria, o que a deixa aliviada, de certa forma: “Se fossem outros os assaltantes? Ela teria para dar uma sacola de frutas, um osso de pernil e uma gorjeta de mil cruzeiros.[...]” (EVARISTO, 2017, p.41).

O assalto é breve e logo os homens saem do ônibus. E, então, Maria mal sabia o que lhe esperava: “Maria olhou saudosa e desesperada para o primeiro. [...]” (EVARISTO, 2017, p.41). Após os assaltantes descerem do ônibus, o que passa a se suceder é a continuidade do processo de violência e suas nuances: passa da verbal para a física. Um processo vivenciado por mulheres diariamente no Brasil: da palavra à ação. Um dos passageiros faz uma afirmação sobre Maria “Alguém gritou que aquela **puta safada** lá da frente conhecia os assaltantes. Maria se assustou. Ela não conhecia assaltante algum.” (EVARISTO, 2017, p.41, grifo nosso).

Maria “conhecia o pai de seu primeiro filho. Conhecia o homem que tinha sido dela e que ela ainda amava tanto. [...]” (EVARISTO, 2017, p.41). No entanto, Maria amava um criminoso que acabara de agir com violência contra as outras pessoas, ao menos, era o que se mostrou factual no contexto do ônibus. Então, ela passará a sofrer enorme violência verbal: “*Negra safada, vai que estava de coleio com os dois.*” (EVARISTO, 2017, p.41, grifo da autora).

Essa conduta discriminatória, sofrida pela personagem, é apreciada na obra *Pele negra, máscaras brancas*, de Frantz Fanon, especificamente no tópico “A experiência vivida do negro”, por meio do qual autor relata o tipo de discurso que o colonizador lança sobre o colonizado (negro) e a reação deste:

“Preto sujo!” Ou simplesmente: “Olhe, um preto!”

Cheguei ao mundo pretendendo descobrir um sentido nas coisas, minha alma cheia do desejo de estar na origem do mundo, e eis que me descubro objeto em meio a outros objetos.

Enclausurado nesta objetividade esmagadora, implorei ao outro. Seu olhar libertador, percorrendo meu corpo subitamente livre de asperezas, me devolveu uma leveza que eu pensava perdida e, extraindo-me do mundo, me entregou ao mundo. **Mas, no novo mundo, logo me choquei com a outra vertente, e o outro, através de gestos, atitudes, olhares, fixou-me como se**

fixa uma solução com um estabilizador. Fiquei furioso, exigi explicações... Não adiantou nada. Explodi. Aqui estão os farelos reunidos por um outro eu. (FANON, 2008, p.103, grifo nosso)

Observa-se claramente como se sente uma pessoa preta ao não ter reconhecida a sua condição de ser humano (igual), mas de objeto, em uma sociedade na qual basta ser preto para ser classificado como “o outro”, “o inferior”, ou até mesmo “tudo que é ruim”, uma vez que o Branco é visto como universal, ao passo que “**o Negro não é um Homem [...] O negro é um homem negro**” (FANON, 2008, p.26, grifo nosso).

Sob este viés, Maria não é uma mulher, mas uma negra, o bastante para se justificar olhares de desconfiança e imputar qualquer crime, ainda que uma “*Outra voz vinda lá do fundo do ônibus*” tenha tentado mostrar o contrário, ressaltando: “*Calma, gente! Se ela estivesse junto com eles, teria descido também.*” [...] (EVARISTO, 2017, p.42). Infelizmente, como um galo sozinho não tece uma manhã, a violência também não se faz sozinha. “Alguém argumentou que ela não tinha descido só para disfarçar. Estava mesmo com os ladrões.”. Então, Maria tenta se defender “*Mentira, eu não fui e não sei o porquê.*” (EVARISTO, 2017, p.42).

Então, a violência toma uma proporção maior que as das vozes alteradas e suposições:

Maria olhou na direção de onde vinha a voz e viu um rapazinho negro e magro, com feições de menino e que lembravam vagamente o seu filho. A primeira voz, a que acordou a coragem de todos, tornou-se um grito: *Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões! O dono da voz levantou e caminhou em direção à Maria.* [...] (EVARISTO, 2017, p.42).

Essa voz, que ecoou pelo ônibus e incitou a todos (que não são inocentes) a tomar uma providência contra Maria, é a voz de um homem negro, de “máscara branca”, como sugere Fanon em *Pele negra, máscaras brancas*:

[...]

O negro quer ser branco. O branco incita-se a assumir a condição de ser humano.

[...]

O branco está fechado na sua brancura.

O negro na sua negrura.

[...]

Mas também é um fato: alguns negros querem, custe o que custar, demonstrar aos brancos a riqueza do seu pensamento, a potência respeitável do seu espírito. (FANON, 2008, p.27, grifo nosso).

A partir desta perspectiva de Fanon, poderíamos inferir que, ainda que inconscientemente, o denunciador de Maria pretende ser visto de forma superior a que a sociedade lança sobre ele, mostrando aos passageiros (brancos) que, embora seja negro, é diferente “daquela negra ladra”, pois é “honesto” e “justo” e, portanto, “um negro de máscara branca” para si e para os demais, talvez não se dando conta de que é mais uma vítima do racismo estrutural, que também se instala entre pessoas pretas e mestiças, como resultado dos efeitos do colonialismo interno. Para buscar a compreensão quanto às facetas do processo de colonização, é importante levar em consideração àquela que não ocorre pela força: a psicológica, conforme já mencionado anteriormente em citação de Mannoni (1964).

Retomando a cronologia dos fatos na narrativa, observa-se que o narrador deixa de inferir que, até então, Maria não tinha sentido medo ou raiva. Estava tão imersa nas emoções de rever o homem amado e pai do filho que não percebeu o perigo que correria e por revidar verbalmente que não devia satisfação a ninguém e que não estava com os assaltantes, a situação piorou:

[...] A mulher teve medo e raiva. Que merda! Não conhecia assaltante alguma. Não devia satisfação a ninguém. *Olha só, a negra ainda é atrevida*, disse o homem, lascando um tapa no rosto da mulher.[...] (EVARISTO, 2017, p.42, grifos da autora)

Djamila (2017, p.40) afirma que é muito relevante a percepção de que “homens negros são vítimas do racismo e, inclusive, estão abaixo das mulheres brancas na pirâmide social. Trazer à tona essas identidades passa a ser uma questão prioritária”. Para a estudiosa, é o reconhecimento da condição de mulheres brancas e homens negros como oscilante que “nos possibilita enxergar as especificidades desses grupos e romper com a invisibilidade da realidade das mulheres negras. (2017, p.40). Isso fica muito evidente quando o narrador faz uma descrição pormenorizada do homem que se levanta e, após agredir Maria verbalmente, dá-lhe um tapa na face.

Esse homem, como o narrador deixa bem claro, tem o tamanho e muito poderia ser o filho de Maria (coisa que ela mesma pensa). Franzino, pequeno, em formação ainda, pelo que se pode inferir, mas já com a coragem de agredir, por já estar um tanto, faz o narrador parecer, entediado com as acusações verbais: ele prefere logo resolver a questão agredindo Maria fisicamente na face.

Não fosse o suficiente, soa uma voz que substitui facilmente qualquer necessidade de que se faça uso de algum utensílio para agredir Maria: as próprias mãos fazem bem o necessário: “*Alguém gritou: Lincha! Lincha! Lincha!...[...]*” (EVARISTO, 2017, p.42).

Isso tudo acontecendo com o ônibus em movimento. Então, o motorista parou o veículo (alguns passageiros desceram) e foi defender Maria (EVARISTO, 2017, p.42): “- Calma, pessoal! Que loucura é esta? Eu conheço esta mulher de vista. Todos os dias mais ou menos neste horário, ela toma o ônibus comigo. Está vindo do trabalho, da luta para sustentar os filhos...”.

Vãs são as palavras do motorista, talvez por tardiamente defender Maria (não é possível sabê-lo). Ainda que a voz fosse a de um homem, ele não ocupava uma posição privilegiada: um motorista de ônibus? Que valor tem seu dizer em defesa de uma mulher pobre e negra? “*Lincha, Lincha, Lincha*”[...]” (EVARISTO, 2017, p.42). Depois disso, o que é narrado é a violência em sua máxima: a mulher sangra pela boca, nariz e ouvidos. No caminhar para a morte, Maria pensa nos filhos: “Será que os meninos iriam gostar de melão?” (EVARISTO, 2017, p.42).

Ironicamente, o narrador afirma que “tudo foi tão rápido, tão breve [...]” (EVARISTO, 2017, p.42). Não, a violência contra Maria não foi tão rápida e tão breve, assim como o processo de escravização dos negros no Brasil não foi tão rápido e tão breve, como rápido e breve tenta ser a deslegitimação da nossa história de racismo e escravidão.

De acordo com Bhabha (2010, p.111), “O objetivo do discurso colonial é apresentar o colonizado como uma população de tipos degenerados com base na origem racial de modo a justificar a conquista e estabelecer sistemas de administração e instrução.” Observa ainda que “Apesar do jogo de poder no interior do discurso colonial e das posicionalidades deslizantes de seus sujeitos (por exemplo, efeitos de classe, gênero, ideologia, formações sociais diferentes, sistemas diversos de colonização, e assim por diante)”, está se “referindo a uma forma de governamentalidade que, ao delimitar uma “nação sujeita”, apropria, dirige e domina suas várias esferas de atividade.” (2010, p.111).

“Maria”, apesar de trazer um discurso bastante simples e parecer, ao ser narrada, mais uma notícia de jornal sensacionalista (propositadamente?), apresenta justamente um contradiscurso. A ironia com que o narrador conclui o conto é tão grande que chega a ser, no nível discursivo, uma espécie de ameaça, pois carnavaliza a recorrente despedida utilizada no Brasil de dizer “tchau, um beijo, um abraço, se cuida”. O narrador diz:

Porque estavam fazendo isto com ela? O homem havia segregado um abraço, um beijo, um carinho no filho. Ela precisava chegar em casa para transmitir o recado. Estavam todos armados com facas a laser que cortam até a vida. Quando o ônibus esvaziou, quando chegou a polícia, o corpo da mulher estava todo dilacerado, todo pisoteado.

Maria queria tanto dizer ao filho que o pai havia mandado um abraço, um carinho, um abraço. (EVARISTO, 2017, p.42).

Para Spivak (2010, p.14, grifo nosso), “não se pode falar pelo subalterno, mas pode-se trabalhar “contra” a subalternidade, criando espaços por meio dos quais o subalterno possa se articular e, como consequência, possa também ser ouvido”. Salienta-se a perspectiva da escritora indiana de que “se o discurso do subalterno é obliterado, **a mulher subalterna encontra-se em uma posição ainda mais periférica pelos problemas subjacentes às questões de gênero**”. Por fim, Spivak conclui que “se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, **o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade**” (SPIVAK, 2010, p.14-15, grifo nosso).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os achados desta análise deixam claro como no conto “Maria” as ofensas dirigidas à personagem revelam o racismo e o quanto as agressões verbais dirigidas a ela maculam sua sexualidade. No caso de Maria, por ser negra, as ofensas sobre sua sexualidade metaforizam a voz do “pai”, do companheiro, do senhor de engenho que usava as escravas para satisfação sexual. A violência presente no conto é a história diária de tantas mulheres, de tantas Marias que, quando não são mortas dentro de casa, são mortas fora dela. A exploração da mão de obra da mulher também é exposta no conto, quando Maria recebe “restos” de comida de uma festa e uma “gorjeta” por seu trabalho.

O conto “Maria” realmente não serve como canção de ninar os da casa-grande, mas, como pretende Conceição Evaristo, serve para incomodar o sono dos injustos. E, assim, como ela, este estudo escrito a seis mãos, quatro femininas e duas masculinas, para que, possamos avançar nas discussões com o apoio de homens, também pretende incomodar o sono dos injustos e, mesmo que durmam, seu discurso não encontrará morada fácil no que depender dessas mãos unidas, pois, como assevera Djamila (2017) em *O que é lugar de fala?*, as pessoas negras experimentarão o racismo no lugar de quem é objeto na sociedade brasileira,

de herança escravocrata. A estudiosa assevera que todas as pessoas possuem lugar de fala e, que, por isso, “[...]ambos os grupos podem e devem discutir essas questões, mas falarão de lugares distintos.” (DJAMILA, 2017, p.86), o que é o caso dos autores deste texto: o lugar do qual falam é distinto do lugar de objeto do racismo, no entanto, quanto à subalternidade, temos quatro mãos femininas e feministas, nenhuma negra. Mas as duas mãos masculinas, também não negras, que as acompanham não são de opressão: são de um indivíduo que conseguiu “[...]enxergar as hierarquias produzidas a partir desse lugar [privilegiado] e como esse lugar impacta diretamente na constituição dos lugares de grupos subalternizados.” (DJAMILA, 2017, p.86).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

Atlas da violência. D Cerqueira, RS Lima, S Bueno, C Neme, H Ferreira, D Coelho, P Alves, ... Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, Brasília: DF, 2020. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=36488&Itemid=432. Acesso em: 24 out. 2020.

BHABHA, H K. **O Local da cultura.** 5.^a impressão. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d’água.** Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERRARA, Jéssica Antunes. **Diálogos entre Colonialidade e Gênero.** Rev. Estud. Fem. , Florianópolis, v. 27, n. 2, e54394, 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2019000200203&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 de dez. 2020. Epub 27 de junho de 2019.

OCUPAÇÃO Conceição Evaristo. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras.** São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/evento609323/ocupacao-conceicao-evaristo>. Acesso em: 20 de dez. 2020. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7.

MANNONI, Octave. **Prospero and Caliban: The Psychology of Colonization.** Translated by Pamela Powesland. New York: A. Praeger, 1964.



MAZUI, Guilherme. 'No Brasil, não existe racismo', diz Mourão sobre assassinato de homem negro em supermercado. **G1 Política**, Brasília, ano 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/11/20/mourao-lamenta-assassinato-de-homem-negro-em-mercado-mas-diz-que-no-brasil-nao-existe-racismo.ghtml>. Acesso em: 02 dez. 2020.

RIBEIRO, DJAMILA. **O que é lugar de fala?**, Belo Horizonte, MG: Letramento, 2017.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Trad. Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. Disponível em: <https://joacamillopenna.files.wordpress.com/2013/10/spivak-pode-o-subalterno-falar.pdf>. Acesso em: 02 dez. 2020.

TONDO, Marlei Castro. **A Violência Contra As Personagens Femininas Nos Contos De Olhos D'água Da Escritora Afro-brasileira Conceição Evaristo**. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Paraná, p.98. 2018. Disponível em: http://riut.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/3583/1/PB_PPGL_M_Tondo%2c%20Marlei%20Castro_2018.pdf. Acesso em: 02 dez. 2020.